

AGI STRAUS¹
(Viena, Áustria, 1926)



Agi Straus. São Paulo, 1.05. 2013.
Fotografia de Laís Rigatto Cardilo.
Acervo: Agi Straus/SP; Arqshoah-Leer/USP

¹ Entrevista concedida à Rachel Mizrahi, com a participação de Laís Rigatto Cardilo, responsável pela gravação em áudio e vídeo, e de Dianaluz da Costa Leme Correa. São Paulo, 1.05.2013. Transcrição: SAMara Konno. Transcrição: Maria Luiza Tucci Carneiro; Pesquisa complementar: Blima Lorber, Maria Luiza Tucci Carneiro e Dianaluz da Costa Leme Correa. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno.

Minha mãe era húngara, chamava-se Magdalena Deutsch e nasceu na cidade de Timisoara, que hoje faz parte da Romênia. Aqui no Brasil, ela era conhecida como Magda ou Madalena, sendo Weisz, seu sobrenome de solteira: Magda Weisz. Ela tinha várias profissões, como a de costureira: fazia camisas e também bolsas maravilhosas, além de saber cozinhar maravilhosamente bem. Era uma verdadeira artesã.

Meus avós paternos eram Rosa e Joseph Deutsch. Aqui nós chamávamos minha avó de Tuschi e ela assinava quando escrevia para nós. Tuschi era um apelido. Meus avós maternos eram Sigismund Weisz e Ethelca Weisz.

Em Viena, eu levava realmente uma vida de gente rica, que tinha muito dinheiro, porque meus pais tinham uma loja que era muito conhecida e grande, do tipo Mappin aqui no Brasil. Essa loja era de moda masculina e chamava-se em alemão (em português eu não sei), *Herrenmode Joseph Deutsch*.

Estudamos em uma escola judaica muito boa que levava o nome *Schwartzwalt Schule* (Floresta Negra), sendo de uma judia muito, muito interessante. Eu entrei para estudar antes da minha irmã porque eu tenho dois anos a mais que ela. Minha família era judia, mas eu não sabia bem como era, nada, nada, nada! Naquela época eu nem sabia quem era judeu, quem não era, porque eu não fui educada judaicamente. Mas pai sim era muito religioso em casa. E a mamãe, por sua vez, fazia tudo ao contrário, era o maior problema. Digo sempre que eu nasci “filha do atrito”. Um pai todo religioso e uma mãe que não queria saber de nada. Quando eu me casei com Walter [Straus], ele sim queria que eu fosse religiosa.

Retomando os tempos da minha infância.... Costumávamos nadar num lugar muito chique, uma vez por semana. Íamos ao parque, mas sempre com a nossa governanta. Costumávamos ir ao teatro [fomos muito!] e também esqui. Foi uma infância maravilhosa realmente, mas quase sem a presença dos pais. Antigamente, trabalhava-se muito e essas famílias burguesas sempre tinham uma *mademoiselle* ou uma *Fräulein*, governanta. Essa que sempre esteve conosco não era judia, mas a última sim, por acaso. Ela fugiu com um jovem que não era judeu e com quem se casou depressa. Ela ficou conosco até quase o fim da nossa residência em Viena. Quando fugimos para a França, em 1938, ela que mandou

ainda umas coisas para Paris. Ela foi muito boa para nós, mas eu não sei detalhes pois era meio ausente com os doze anos ainda.... Não tinha consciência do que estava acontecendo. Eva sim era muito mais consciente do que eu... Eu estava sempre “nas nuvens”. Acho que eu já era uma artista, desde aquele momento!

2. Tempos de mudanças



Momento histórico em que as tropas germânicas entram em Viena, configurando a ocupação da Áustria pela Alemanha. No dia seguinte, Adolf Hitler anunciou oficialmente o *Anschluss* (*conexão, anexação, afiliação ou adesão*), a união entre a Alemanha e a Áustria, que, de fato, significava a anexação da Áustria à Alemanha nazista. Viena, 12.03.1938.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Bundesarchiv. Disponível em:

<<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/10345/hoje+na+historia+1938+%96+hitler+anuncia+uniao+entre+alemanha+e+austria.shtml>>. Acesso em: 03.08.2017.



Cidadãos fazendo a saudação nazista e demonstrando diferentes reações a ocupação alemã dos Sudetos.

Cheb, outubro de 1938.

Fotógrafo não identificado.

Disponível em:

http://4.bp.blogspot.com/-J-sDn1fK7Yg/UIKITGJEHQI/AAAAAAAAABTY/d9Kvy01HcIU/s1600/1239792_512116765537078_909323847_n.jpg. Acesso em: 03.08.2017.

Em março de 1938, tivemos nossos estudos interrompidos pela chegada das tropas alemãs que ocuparam a Áustria.² Lembro-me que, quando eu estava na escola, tive a minha

² BOX: Em 12 de março de 1938 as tropas germânicas invadiram a Áustria. E colocaram o ministro do interior (nazista) no posto de chanceler. No dia seguinte, Adolf Hitler anunciou oficialmente o *Anschluss* (conexão, anexação, afiliação ou adesão), a união entre a Alemanha e a Áustria, que, de fato, significava a anexação da Áustria à Alemanha nazista. Esta ação fazia parte do plano de Hitler e dos seus ideólogos, que planejavam a expansão das fronteiras alemãs com o objetivo de construir o “Império dos Mil Anos”. Este projeto vinha sendo implementado desde março de 1936, quando o governo alemão ordenou que seus exércitos ocupassem a Renânia, região cortada pelo rio Reno, na fronteira entre a França e a Alemanha. De acordo com o Tratado de Versalhes, essa região deveria ser desmilitarizada, mas Hitler ignorou essa determinação. Subestimando o poder militar nazista e prevendo uma guerra de trincheiras, com exércitos imóveis tentando garantir suas posições, os generais franceses ordenaram a construção de uma longa fortificação percorrendo a fronteira entre os dois países, conhecida como linha *Maginot*. O *Anschluss* foi confirmado por um plebiscito em 10 de abril quando Hitler obteve 99,7% de aprovação para a união entre Alemanha e Áustria. Este resultado foi fruto de uma intensa campanha realizada pelos nazistas da Áustria,

primeira experiência de antissemitismo. A professora (que não era judia) disse: “Agi, levanta!” Bom, eu levantei. Em seguida ela disse assim: “Você não tem direito a sentar!” Estranhei e perguntei: “Por quê?” Veio logo a resposta: “Porque você é judia!” Aí eu fiquei muito triste, chateada.... Peguei minhas coisas e saí correndo para loja do meu pai que ficava bem perto da escola. Aliás, em Viena nessa época, tudo era perto. E aí o meu pai disse “ Não pode mais continuar lá, de jeito nenhum!” A governanta pegou eu e a Eva e nos levou até o parque. Ela dizia assim: “Fica calma!” Mas, ali no parque tinha uma placa que dizia “Proibido a entrada de cachorros e judeus”. Imaginem: os judeus não podiam entrar em nenhum parque mais!

Foi quando começaram vários outros problemas: meu pai não queria sair de Viena, mas tínhamos uma minha tia, irmã da minha mãe que vivia no Brasil há muito tempo, que lhe dizia: “Você tem que sair! Vem para o Brasil. A gente sabe sobre o que está acontecendo com vocês em Viena!” Meu pai, ficou muito mal... Ele dizia que não fizemos nada “nem somos judeus, nem não-judeus. Mas não era possível ficar por lá, porque eles [os nazistas] foram também no prédio onde morávamos. “Tem judeu aqui?”, perguntaram. A zeladora disse “Não”. Ela nem sabia. Éramos os únicos naquela moradia de dois ou três andares. Lembro-me que meu pai disse o seguinte, pois eu era muito falante: “Não fale nada, porque falando eles podem desconfiar que você é judia!” Eu não era loira de olhos azuis, mas também não tinha cara de judia. Hoje nem sei...

Foi neste momento que meu pai (acho) se tocou. Foram atrás de conseguir um visto para os Estados Unidos, que era difícilimo, e já não dava mais. Conseguimos vir para Brasil, graças a D’us. Meu pai conseguiu os vistos através de um padre. Não sei o nome, mas esse padre foi maravilhoso! Estávamos em Viena onde esse padre batizou todos nós como católicos. Somente assim conseguiríamos sair de Viena e conseguir esse papel (como

alegando que alemães e austríacos eram parte do mesmo povo germânico, pois tinham a mesma língua e a mesma cultura. Assim, deveriam viver sob o comando de um único Estado. A França aceitou a anexação de Áustria, que não voltara a ser soberana antes do final da Segunda Guerra Mundial, quando foi liberada pelas forças aliadas. A Áustria transformou-se em uma entidade sem nome absorvida pela Alemanha. Imediatamente, os nazistas iniciaram práticas violentas de terror e de antissemitismo, instigando a perseguição aos “inimigos eleitos pelo regime”, segundo princípios ideológicos e racistas. Tinham como alvo: os dissidentes políticos e judeus classificados como de “raça inferior”.

chama?), com vistos para o Brasil, que somente aceitava católicos. Isso mesmo, mas quando chegamos aqui meus pais não queriam continuar católicos. Mas, acho que não voltaram para o judaísmo. Acho que não, porque eu tinha tão pouco contato com meus pais.

3. Nossa rota de fuga:

Eu não fiquei em nenhum campo de concentração, nem em campo de trabalho ou campo de prisioneiro. Mas, minha mãe me contou que nós, as crianças, fomos mandadas para algum lugar, não me recordo, creio que um esconderijo. Apenas sei que fizemos parte de um grupo de crianças, pois naquela época eu era criança. Isso foi antes de fugirmos para Paris. Eva e eu fomos de trem para um lugar longe de Viena, isso me lembro, para ficarmos com uma [mulher] francesa que tinha várias crianças. Meus pais pagaram por isso. Várias mulheres judias cuidavam dessas crianças cujos nomes não me recordo, infelizmente. Eva deve saber, eu não! Até que meu pai veio.... Nesse dia em que ele apareceu (nossa!) estava super nervoso.... Saímos apressados, assim como estávamos vestidos, para apanhar um trem que nos levaria, à noite, para Paris. Deixamos tudo dentro da nossa casa, tudo que pertence a uma casa.

Fomos todos de trem para Paris: meus pais, minha irmã Eva e eu. Tivemos muitas dificuldades que não quero nem me lembrar, mas eu conto um pouquinho! Eu estava no trem com os meus pais e tinha muito medo. O trem sempre parava e, quando olhávamos pela janela, víamos os oficiais nazistas da SS que chamavam as pessoas que iam entrar nos vagões, pediam documentos, tiraram uns lá de dentro que, certamente, acabaram na câmara de gás. Meu pai ficou [fala com ênfase] super nervoso. Ah, lembro-me que eu usava um aparelho para colocar os dentes para frente [assim] e ele quebrou, acho porque “escutou” que muitos judeus escondiam brilhantes dentro. Logo começou a sangrar terrivelmente. Foi quando bateram [na porta]: eram os “SS” falando para os *góis* (não judeus). Nesta época, como eu tinha trança, um deles falou: “Depressa... mostra a trança e não fala para não eles não verem que você está sangrando.” Eu respondi: “Tá bom!” O “SS” foi embora, mas meu pai ficou muito preocupado pois, que no outro compartimento, estava minha mãe com Eva.

Felizmente, não aconteceu nada. O trem foi depois direto para Paris, lembrando que Hitler ainda não tinha ocupado a França.

Resolvemos ficar em Paris para tentar salvar a minha avó (a mãe da minha mãe) que ainda estava na Hungria. Todos ficaram muito aflitos porque minha avó queria vender seus imóveis de qualquer jeito. Ela era muito rica, possuía vários os prédios, mas não conseguiu. Assim, ela veio nos encontrar. Até então eu não tinha muito contato com ela. Ela chegou no hotel onde nós estávamos hospedados e aí, depois de um tempo, muito tempo, iríamos embarcar no navio que traria nossa família para o Brasil. Creio que ficamos cerca de um mês em Paris, onde cheguei a conhecer a cidade, mas sempre sozinha, ou melhor, apenas Eva e eu. Meus pais estavam fazendo outras coisas, que infelizmente não sei o que eram, mas acho que corriam atrás de documentos, talvez.

3. Nossa vida no Brasil

Sáímos de Paris para ir até o porto onde estava atracado o navio *Astúrias*. Aí nós entramos no navio e até aí tudo bem. Mas, quando chegamos no Rio de Janeiro, saímos do navio (como todos os demais passageiros) e fomos passear na Avenida Rio Branco. Foi quando eu falei, agitada como sempre: “Eu quero ficar aqui, não quero continuar.” Bem, nunca consegui ficar no Rio, mesmo porque a Eva nem gostou tanto está lá. O navio continuou a viagem e atracou no porto de Santos, onde nos aguardava a minha tia, irmã da minha mãe, acompanhada do marido, e do Tibério, enteado dela. E eles tinham também uma filha chamada Trudi que já tinha quatro anos mais que eu.

N.º

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ESTRANGEIROS

REGISTRO DE ESTRANGEIROS

NOME: AGATHE DEUTSCH
Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE (PORT.7619 de 17.3.44)
Nacionalidade: AUSTRIACA SOLTEIRA
Pai: OSCAR DEUTSCH Mãe: MAGDALENA DEUTSCH
Profissão: ESTUDANTE
Carteira de identidade n.º 969.061 Registro n.º 238.739-EXP. 30.12.44
Residência: AL. LORENA Nº 1655
Emprêgo:
Local: 12.1.45

T. G. I. - Mod. 162


DELEGADO ESPECIALIZADO DE ESTRANGEIROS

N.º 72.306

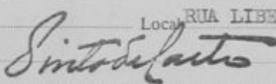
REGISTRO DE ESTRANGEIROS

DELEGACIA DE FISCALIZAÇÃO DE ENTRADA,
PERMANENCIA E SAÍDA DE ESTRANGEIROS

NOME MAGDALENA DEUTSCH
Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE
Nacionalidade AUSTRIACA REG CATOLICA
Pai SIGISMUND WEISZ Mãe ETHELCA WEISZ
Profissão OPERARIA
Carteira de identidade n.º 498.162 Registro n.º 72.306 exp. 17.8.44
Residência RUA DR. AMANCIO DE CARVALHO Nº 20
Emprego CASA FERRÃO Local RUA LIBERO BADARÓ
Nº 190

27-7-40

Area. 161


DELEGADO DE FISCALIZAÇÃO DE ENTRADA,
PERMANENCIA E SAÍDA DE ESTRANGEIROS

N.º SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
Superintendência de Segurança Política e Social
DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ESTRANGEIROS
REGISTRO DE ESTRANGEIROS

NOME : OSKAR DEUTSCH
Admitido em território nacional em caráter. PERMANENTE (ART. 150 § 1º)
Nacionalidade: AUSTRIACA CASADO
Pai: JOSEF DEUTSCH Mãe: ROSALIA DEUTSCH
Profissão: COMERCIO
Carteira de identidade n.º 498.161 Registro n.º 70.260-EXP. 18.7.40
Residência: AV. LORENA Nº 1655
Emprego: CASA DE B. DANNEMANN
Local: RUA SÃO BENTO Nº 309
1.9.44

T. G. I. - Mod. 162

DELEGADO ESPECIALIZADO DE ESTRANGEIROS

Fichas de Registro de Estrangeiros de Agi Deutsch e dos seus pais, Magdalena e Oskar, emitidas pela Secretaria de Segurança Pública de São Paulo.
Acervo: Arquivo nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

Todos falavam húngaro (o marido, a minha tia) mas eu não. Inclusive a minha prima Trudi. Minha irmã Eva também falava fluentemente húngaro, pois os meus pais queriam que nós aprendêssemos húngaro, não sei porquê. Acho que porque meu pai e minha mãe falavam! Minha mãe, lógico, porque era húngara mesmo e meu pai porque ficou preso na Sibéria durante Primeira Guerra Mundial, junto com um húngaro que lhe ensinou o idioma. Assim, meu pai falava fluentemente o húngaro.

Quando saímos do navio, eu tive ataques de choro. Coitados dos meus pais! Detestei. Não gostei não, detestei! Imaginem: Viena e Santos em 1938, não eram a mesma coisa. Hoje eu gosto de Santos, mas não onde os navios param. Mas, o Rio de Janeiro eu adorei na hora, uma paixão à primeira vista. Só que estava muito calor! Lembro que era dezembro de 1938.... Eu estava andando com o meu pai e a Eva andando com a minha mãe. Nós todos achamos muito quente, imaginem Viena e Santos! Pegamos um trem e fomos para São Paulo.

4. Uma nova vida

Meu pai sempre estava zangado. Uma vez, ele ficou dois anos sem falar e quando tinha vontade de falar diz apenas “Boa noite”. Nada, nada, nada, nem das coisas da Europa. Eu não estava acostumada a ficar com a minha mãe. Nem almoçávamos juntos, nem jantávamos juntos, nem tomávamos café juntos, pois em Viena eu estava sempre com governanta, sempre! E aqui as coisas não mudaram, pelo contrário, continuaram com esse silêncio. Apenas uma vez eles falaram: “Se alguém perguntar, não comente nada, não interessa o que nós passamos!”. Zangado, meu pai dizia: “Não interessa! Não quero compaixão de alguma pessoa porque pode inventar o que quiser.... Talvez, por isso, quando eles chegaram [a minha avó e o meu avô], meu pai não queria que eles se relacionassem com brasileiros, apenas com a colônia judaica. Eles achavam que todo brasileiro era bandido, que aqui tinha cobra, sífilis, horrível! Assim, namorávamos apenas com os jovens da colônia judaica. Eu namorei muito tempo com rapaz não era judeu, e a minha mãe interferia, sempre. Por isso, eu fiquei noiva várias vezes e a minha mãe não deixava.

Quando chegamos aqui no Brasil, meus pais abriram uma fábrica de bolsas - Magdalena & Cia – sendo as bolsas entregues na casa das pessoas. Um dos compradores, que mais comprava era da família do meu pai, muito rico, proprietário de uma casa enorme na Alameda Itu. Então, a minha mãe, além de ajudar a fazer as bolsas, também entregava. Foi aí que conheci o Walter, quando fui lá entregar algumas bolsas. Sua mãe estava muito doente e tinha sempre uma enfermeira cuidando dela. Aí o Walter me viu e se apaixonou.

Quando conheci o Walter Straus foi difícil explicar que eu era batizada por força das circunstâncias. Walter era um bom homem, vinha de uma família não muito judaica, nasceu no Brasil, filho de alemães. Quando fiquei noiva, meu pai não queria, minha mãe sempre se intrometia etc., mas, ele era judeu e mais velho que eu. Eu nem sabia se ele seria o meu grande amor, pois isso apenas conheci depois de casada e com três filhas. Depois, conheci o meu segundo marido em uma festa: paixão à primeira vista, dele e minha. Tivemos uma filha (que aqui está) e que sempre me acompanhou, pois ele ficou muito doente. Quando teve o derrame cerebral, morávamos em Santos. Uma semana antes de morrer, nós

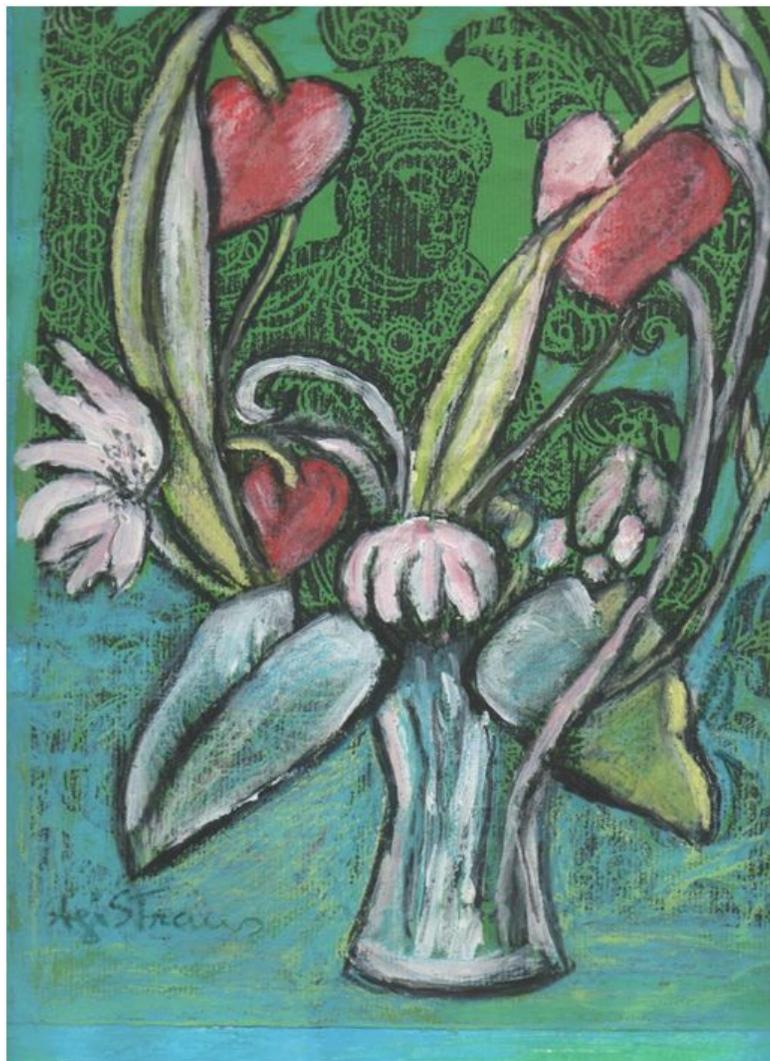
estávamos lá quando me telefonaram avisando. Imediatamente, sabia que alguma coisa havia acontecido. Mais de 40 anos de idas e voltas. Ele era brasileiro, brasileiríssimo. Chamava-se Luiz Carlos Pires Sampaio que conheci em uma festa na casa de um holandês que dizia ser Barão. Um dia ele veio tomar whisky em casa, ficou amigo. Era um charme. Foi quando me separei do Walter e ele ficou com a guarda das filhas, por um tempo. Ele era uma ótima pessoa. Fui morar com Luiz Carlos em Recife e as meninas vieram conosco. Estudaram na escola judaica Moises Schwarcz, muito conhecida. Foi lá que eu voltei a pintar. Luiz Carlos conhecia bem o judaísmo, pois havia sido casado a primeira vez com uma judia cuja mãe era de Viena, da Áustria. Então, foi uma grande coincidência, uma história longa.

5. A minha arte

Tenho muita arte na minha casa, pois eu adoro. As paredes estão cheias. Tenho também estas cerâmicas, esses vasos, que ganharam um grande prêmio no Sesc Pompéia. Eles gostaram muito, mandei enrolado, mas isso faz vinte anos. Eu nunca frequentei escolas de arte, sempre tive uma formação livre, como dizem hoje. No Mackenzie, quando estava estudando secretariado, dediquei-me a fazer arte. Minhas amigas sempre pediam para fazer desenho com o X da máquina de escrever. Então eu fazia flores, desenhava plantas, pois adoro plantas. Tudo isso aqui são plantas que pinte há vinte anos. São quadros floridos sempre. Desde criança eu já fazia flores e continuei assim, mesmo na cerâmica.... Mas sei fazer rostos também como nestas obras onde aparecem mulheres. Como eu tenho três filhas, elas sempre posaram para os nus artísticos.

Trabalhei como secretária do National City Bank, o primeiro emprego. Foi terrível, estava muito inquieta. Eu nunca usei o salário que ganhava, pois entregava o envelope para minha mãe, sempre no fim do mês. Mas, uma com parte dele, eu andava de bonde, comprava tintas e lápis de cor. Foi aí que comecei a pintar sozinha em casa. Até então eu nunca tinha estudado pintura. Em 1951, dediquei-me a literatura infantil escrevendo e ilustrando livros para a Editora Melhoramentos. Um dia, quando eu já tinha minhas três filhas, desci a Rua Augusta e vi uma enorme vitrine com cerâmicas, pinturas, etc. Por

curiosidade entrei e a pessoa que estava disse: “Eu ensino! ”. Era o Gaetano Miani com quem sempre estive em contato, sempre. Isso foi em 1952, quando iniciei estudos no MASP - Museu de Arte de São Paulo, época que executei o afresco no Palácio do Café, em São Paulo, junto com Miani.



Agi Straus, sem título, óleo sobre tela. São Paulo, s.d. Coleção Tucci/SP.



Agi Straus, “Botânica”, técnica mista, 100 x 80cm, 2009.
Acervo da artista.

Trabalhei para Pull Sport por muito tempo, desenhando entre pulôveres e *t-shirts*. Quando tinha um leve defeito na fabricação, eles pediam para pintar flores em cima, como sempre. Depois, fiz uma exposição com os meus quadros em Belém do Pará. Fiquei célebre depois, pois mandei vários quadros para expor em um salão enorme. Na noite da inauguração, sumiu um dos quadros que estava na parede. Roubaram! Saiu em todos os jornais: “Roubado o quadro de Agi Straus!” Depois, em Recife, eu pintei flores para uma costureira. Enfim, morei oito anos em Recife, um ano e meio em Belém e um mês em São Luiz do Maranhão.

Como toda criança, comecei a pintar com dez anos pois já sabia desenhar com facilidade. Depois comecei a pintar, após ter conhecido um amigo pintor que tinha um

estilo diferente do meu, mas assim comecei a misturar as tintas. Me entusiasmei, comecei a fazer cerâmica e esculturas também. Cheguei a fazer um painel de uns vinte metros em São Luís do Maranhão, num hospital psiquiátrico, um grande painel que eu espero um dia ainda ver. É um bumba-meu-boi que foi encomendado por um médico. Acho que tenho também um painel na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, na escola da aplicação, de uns 10 metros, assinado Agi Straus. Foi restaurado, um trabalho bem interessante, baseado nas fotos de como era antes....

Mais tarde, nos anos 60, aqui em São Paulo, fundei uma escola de arte para crianças, na Rua Augusta quase esquina com a Rua Estados Unidos: Escola Agi. Em seguida, entre 1964 e 1970, colaborei com ilustrações para os suplementos “Literário” e “Feminino” do jornal *O Estado de S. Paulo*. Em 1976, participei da coletiva “Imigrantes nas Artes Plásticas de São Paulo”, morei nos Estados Unidos por alguns anos, produzi bastante, expondo a minha arte em Nova York, Milão e Kioto.³

Estudei com Gaetano Miani, Antônio Gomide, Poty, Darel Valença Lins e Zamoyski. Aqui no Brasil conheci outros artistas que também vieram refugiados, com uma história parecida com a minha. Alice Brill é uma delas. Tenho aqui um quadro que ela me deu. É um amor. O marido faleceu faz, mais ou menos, um ano. O tempo passa rápido, não sei. Tem também o Darel, meu amigo que mora no Rio de Janeiro e que também me deu uma gravura. É um judeu simpaticíssimo, cujos quadros estão valorizados. Conheci também Anatol Wladyslav, muito, muito meu amigo; a Hannelore Jakobowitz, que é bem

³ BOX: Agi Straus desde 1955 realiza exposições individuais em São Paulo e no exterior. Morou nos Estados Unidos por alguns anos, onde produziu muito de sua arte classificada hoje como neorrealista. A conexão entre natureza-morta e paisagem é uma das marcas da pintura de Agi Straus que faz, com maestria e sensibilidade, um contraponto com campos floridos, flores e folhas soltas. É neste universo da natureza-morta/paisagem que seus quadros e esculturas ganham identidade, sendo facilmente identificados pelo uso de matérias químicas e plásticas em relevo que, acumulados sobre a tela numa única emulsão, transmitem sua maneira de olhar o mundo e perceber o universo. Valendo-se de tons e semitons, trabalha sobre o plano de suas telas em busca do equilíbrio estético. Inspira-se na natureza viva para criar a sua natureza morta. Girassóis, antúrios, copos-de-leite, mulheres nuas sobrepostas e inscrições rupestres povoam seu mundo, um vasto mundo adornado por pedras sobre pedras, flores entre folhas, peixes e feixes de galhos contorcidos. Entre 1955-2006, Agi expôs em Nova York, Washington, Roma, Milão, Basiléia, Frankfurt, Atami, Tóquio, Kyoto, La Paz, além de importantes cidades brasileiras. Foi premiada em vários salões paulistas, transformando sua arte em um legado. Sua produção é hoje uma referência no campo das artes plásticas como podemos constatar nos guias e obras de referência das artes no Brasil. Agi Straus veio para ficar!

mais jovem que eu. Ela é pintora também. Depois, fiz uma exposição que a Hannelore estava lá, no residencial. Eva Liebllich: também conheço; Renina Katz, judia; Lise Forell, que é tcheca, muito minha amiga.

6. Lembranças da Áustria

Sobre tudo isso que aconteceu na Europa, digo que foi um período terrível. Posso dizer que fiquei triste.... Ainda hoje eu tenho saudade de Viena, muita! Voltei lá três vezes, pois Viena é Viena Não se compara! Eu não guardei muitas lembranças amargas sobre a nossa saída da Áustria. Eu apenas achei ruim quando cheguei aqui. Eu disse: “Nossa que lugar! Prefiro minha casa!”. Era meio infantil, ainda sou, mas acho que era mais.

Tive saudade da minha escola, dos meus amigos, mas depois esqueci. Também já faz quantos anos que eu estou aqui? Mais de setenta anos, né? Eu tinha doze anos em 1938. Hoje eu falo um português normal, fluentemente, mas dizem que ainda tenho sotaque. Só um pouquinho! É muito interessante, pois minha irmã e eu temos o mesmo sotaque. Eu tenho uma amiga, também judia, Judith [Harbor?] que não fala bem alemão e fala português sem sotaque.

Às vezes, eu me lembro de alguma coisa de Viena, mas procuro esquecer. Esqueci mesmo! Meu pai pedia para nunca falarmos sobre o que nós passamos, nunca. Talvez porque ele ficou sem ninguém da família. Ele me proibiu! Minha mãe, infelizmente, sofreu com tudo isso, pois sobrou somente ela e a tia, húngara também, que morava em São Paulo. Sobre as sete irmãs da minha avó [materna] que ficaram na Hungria, não sei dizer. Acho que morreram todos. Uma delas teve um filho, um ano e meio a menos que eu, que hoje mora em Jerusalém (Israel). Há algum tempo ele me visitou e disse: “Eu sou o seu primo de longe.” É filho da irmã da minha avó.

Hoje eu recebo uma pequena indenização do governo da Áustria e a minha aposentadoria daqui, pois não dá para viver de arte.